



PEQUENO MANUAL AFRO-CAPIXABA
propostas de afro-ações para aulas de História

SMALL AFRO-CAPIXABA MANUAL
afro-actions proposals for History classes

PEQUEÑO MANUAL AFRO-CAPIXABA
propuestas de afroacciones para las clases de Historia

Onildo de Souza Moraes

Especialista em gestão educacional pela Faculdade de Educação Regional Serrana; Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, professor de História na Secretaria de Educação do Espírito Santo, Brasil.

onildomoraes@yahoo.com.br

 ORCID : 0000-0003-0195-4263

Recebido em: 09/06/2022

Aceito para publicação: 01/08/2022

Resumo

Vivemos um momento assaz frutífero, no que se refere a produção de narrativas afrocentradas que contribuam para o respeito e valorização da cultura negro-africana em nosso país. Seguindo essa trajetória, elaboramos um pequeno manual pedagógico para os docentes, cuja função pedagógica pretende esclarecer alguns conceitos afrocentrados no panorama negro-capixaba na perspectiva de uma Educação Étnico-Racial (EER) nas escolas, conforme prevê a Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU). Simultaneamente, propomos afro-ações decoloniais para seu uso nas aulas de História no Ensino Médio no enfrentamento e combate antirracista nas escolas.

Palavras-chave: Afrocentricidade, decolonialidade, afroperspectivas, afro-capixaba.

Abstract

We are living through a very fruitful moment, with regard to the production of Afro-centered narratives that contribute to the respect and appreciation of black African culture in our country. Following this path, we prepared a small pedagogical manual for teachers, whose pedagogical function aims to clarify some Afro-centered concepts in the black-capixaba panorama from the perspective of an Ethnic-Racial Education (EER) in schools, as foreseen by the Espírito Santo Department of Education (SEDU). Simultaneously, we propose afro-decolonial actions for their use in History classes in High School in the confrontation and anti-racist fight in schools.

Keywords: Afrocentricity, decoloniality, afroperspectives, afro-capixaba.

Resumen

Vivimos un momento asaz fructífero, con respecto a la producción de narrativas afrocentradas que contribuyen al respeto y aprecio de la cultura negra-africana en nuestro país. Siguiendo esa trayectoria, elaboramos un pequeño manual pedagógico para docentes, cuya función pedagógica pretende aclarar algunos conceptos afrocentrados en el panorama negro-capixaba desde la perspectiva de una Educación Étnico-Racial (EER) en las escuelas, según lo previsto por la Secretaría de Educación de Espírito Santo (SEDU). Al mismo tiempo, proponemos afro-acciones decoloniales para su uso en las clases de historia en la secundaria en el enfrentamiento y la lucha antirracista en las escuelas.

Palabras-clave: Afroncentricidad, decolonialidad, afroperspectivas, afro-capixaba.

Introdução

Parafraseando a reflexão de Beatriz Nascimento na década de 70 no século XX: “há um eterno ensino de História brasileira na perspectiva colonialista que inseriu as negras e negros apenas como sujeitos escravizados”. Este fato engendrou historicamente um eterno trauma na escola, no que tange as aulas de História acerca da História da África e Cultura Afro-brasileira, conforme prevê a legislação vigente – a Lei 10.639/03 e seu complemento 11.645/08.

A escola é uma das primeiras experiências perturbadoras que atua na psique dos jovens e adolescentes quando se trata da reflexão da negritude brasileira. As diversas deformações por que passou a história e cultura negro-africana teve por consequência sua desumanização e o esvaziamento de sua cultura, sociedade, religiosidade e ancestralidade.

Nesse sentido, relacionamos neste artigo elementos decoloniais e afrocentrados como perspectivas para o Ensino de História e os territórios capixabas como importantes redutos de preservação e valorização de uma cultura negro-africana.

Como proposta pedagógica para as aulas de História, elaboramos um pequeno manual afro-capixaba com as marcas, territórios e imagens afro-diaspóricas que expressam uma negritude na Grande Vitória-ES, de modo a auxiliar e sulear as aulas dos professores de História na rede estadual de ensino.

Perspectivas afro-localizadas na Grande Vitória-ES

Através dos estudos afro-capixabas e na identificação de territórios que manifestam a presença negro-ancestral, produziremos nosso texto na busca da promoção da consciência de uma identidade afro-capixaba ancestral, no combate antirracista, cuja experiência traumática indelével de desumanização do povo negro tornou as práticas escolares sobre a negritude esvaziadas de sentido (NJERI, 2019, p. 15).

A referência em sala de aula acerca dos valores civilizatórios afro-brasileiros como: o respeito a ancestralidade, a relação com a natureza, a oralidade como transmissor de saberes, bem como a relevância no valor atribuído à verdadeira palavra e ao caráter do ser, são formas de localizar, narrar e inserir a história negro-africana no agenciamento protagonista dos saberes pertinentes ao povo negro.

Já percebeu como a história ocidental é privilegiada em nossos currículos escolares, em detrimento dos povos indígenas e africanos? Na versão do colonizador, a cultura portuguesa foi inserida de forma hegemônica e elevando Portugal no epicentro da uma cultura falocêntrica,

cristã e europeizante. Por seu turno, as culturas indígenas e africanas tiveram sua cultura inseridas num estereótipo grotesco, tribal e vexatório (CUNHA JUNIOR, 2005, p. 8).

A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 14) adverte-nos do perigo de uma história única ou que privilegie somente uma cultura, ou seja, “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”. Esse foi o problema da história contada pelo viés colonial que despedaçou e silenciou a humanidade contida no outro.

De acordo com Ratts (2007, p. 16), Beatriz Nascimento enfatiza o desinteresse discente negro pela história de seus ancestrais devido ao eterno ensino da História que forjou uma história dos negros e negras apenas pela ótica escravista. Professores (as), que tal utilizarmos algumas afro-referências para dar visibilidade ao processo de silenciamento histórico negro-africano? Alguns desses elementos como a “afrocentricidade”, a “decolonialidade” e o “quilombismo” inseridos numa afroperspectividade, a partir da cosmopercepção afrodescendente, pode auxiliar na construção de ferramentas pedagógicas oferecendo mais visibilidade, equidade e riqueza às reflexões em sala de aula sobre História Africana e Cultura Afro-brasileira, prevista na legislação vigente.

O combate antirracista na escola se faz por meio de práticas emancipadoras que proporcionem lucidez, criticidade e protagonismo nas ações pedagógicas através da Educação das Relações Étnico-Raciais. Desta forma, propomos uma análise histórica e pedagógica acerca da movimentação negra e sua localização afro-capixaba inseridos numa lógica afroperspectivista, contemplando as particularidades de nosso Estado (NOGUERA, 2012).

Como primeiro instrumento conceitual, recorreremos a ideia do filósofo negro Molefe Kete Asante (2016, p. 81), que considera que a “afrocentricidade é uma afirmação do lugar de sujeito dos africanos dentro de sua própria história e experiências”. Partir da construção histórica na ótica negra é o modo mais eficaz e justo na elaboração de trabalhos pedagógicos que desejam ser afrocentrados.

Assim, uma narrativa que contemple os elementos afrocentrados permite a inserção do protagonismo afro-diaspórico e na agência, controle e narrativas de sua história, alijando os cenários europeizantes que priorizaram uma única versão, a história da branquitude cristã-ocidental. Abaixo, destacaremos afro-ações de caráter histórico-pedagógico para nossa reflexão e tomada de decisão docente.

Afro-ação 1 - Quilombos Afroperspectivados:

Para uma intervenção afrocentrada que tal iniciar suas aulas de História retratando a África enquanto “nascido da humanidade”? Ou pela influência das brilhantes civilizações africanas, como a egípcia ou o império Mali e sua influência na construção da história e cultura humana, não mais circunspecta aos conceitos que inserem somente valores civilizatórios ocidentais como cerne do saber?

Para História do Brasil, uma estratégia afrocentrada repousa na história dos Quilombos *Bantus* do século XVI e seu pioneirismo enquanto organização econômico-social alternativa ao escravismo. Seu legado, engendrou as estruturas que perfazem hoje as favelas, os terreiros de candomblés, as escolas de samba, ou seja, núcleos afroperspectivados que ressignificaram a história, sendo guardiões da cultura negra (RATTS, 2007, p. 23).

É importante também ressaltar que muitos africanos escravizados não se submeteram ao status de cativo. Sua negação à imposição colonial se manifestou através da “fuga” e a construção das comunidades agrícolas, na criação de economias importantes; além de povoações expressivas que perfazem hoje as comunidades remanescentes quilombolas por todo o Brasil.

Outro conceito contra a cultura europeizante é o de decolonialidade. Suas ações se resumem no combate ao colonialismo e as investidas etnocêntricas pela fabricação de verdades e modelo de vida universal, tornando inferiores as demais culturas. Existem outras concepções e culturas diferentes que podem coexistir, frente a tentativa colonialista de silenciamento da cultura afro-diaspórica (ALVES, 2020, p. 191). Vejamos a segunda ação:

Afro-ação 2 - Reflexão Patrimonial:

A identificação de localidades que configurem a presença negro-africana e seu percurso histórico. Não como cultura popular, mas sim como geradores de uma identidade negro-capixaba. Reconhecer a importância dos espaços de inspiração africana concede apresentar aos estudantes afrodescendentes uma narrativa afrocentrada e antirracista. Abaixo, alguns exemplos afroperspectivados capixabas.

O Museu Capixaba do Negro (MUCANE) em Vitória-ES, criado em 1993 realiza diversas ações afirmativas e de valorização da cultura afroperspectivada. É um local onde o Movimento Negro de Vitória debateu e debate questões raciais, espaço para formação de políticas públicas e de preservação da memória da população negro-capixaba (MACIEL, 2016, p. 52).

Na cultura musical capixaba temos as Bandas de Congo, como na da Barra do Jucú em Vila Velha, com seus tambores, chocalho e a casaca, revelando o sincretismo religioso, cultural e histórico na reminiscência dos antigos reinos africanos. Tornou-se patrimônio histórico imaterial no Espírito Santo no ano de 2014, importante marca da presença negro-africana capixaba (MACIEL, 2016, p. 53).

As Ruínas de Queimados em Serra-ES, importante sítio arqueológico tombado pelo patrimônio histórico traz em suas memórias e espaço físico as lembranças do maior movimento de resistência negra à escravidão capixaba. A promessa de alforria aos trabalhadores escravizados, após a construção da Igreja de São José de Queimados e o não cumprimento do que ficou acordado entre os trabalhadores – a concessão das cartas de alforria - irrompeu no movimento decolonial, a “Insurreição de Queimados” (CARDOSO, 2008, p. 71).

Um dos principais líderes da Insurreição de Queimados, o lendário Chico Pregó, tem um monumento na cidade de Serra-ES em homenagem ao seu protagonismo em prol da alforria e liberdade tão cara aos escravizados capixabas em 1849. Há vários vestígios que podem ser afroperspectivados na contribuição negro-africana no Espírito Santo. Essas marcas negro-africanas auxiliam na formação da cultura e identidade afro-capixaba para a produção de conhecimentos e intervenções decoloniais na sala de aula.

O terceiro elemento é o quilombismo de Abdias do Nascimento. Este conceito não reconhece a história dos quilombos circunscritos a corpos escravizados de fugitivos, mas sim como uma reunião fraterna, de convivência solidária contrária à escravidão imposta, abrindo fendas no sistema colonialista, contrária ao sistema (NASCIMENTO, 1980, p. 58).

O quilombismo refere-se às estruturas negro-africanas criadas que se recusaram se submeter à escravidão. Um espaço criado e perseguido pelo colonialismo desde sua emergência, foram os quilombos. No entanto, havia os afro-territórios permitidos, como as confrarias religiosas de pretos e pretas e os terreiros de candomblés – identificados por Abdias como quilombos urbanos, mantenedores da cultura e resistência às investidas da escravidão.

Afro-ação 3 - Reflexão de Resistência:

Na reflexão afro-histórica elencamos a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Vitória como um dos núcleos de resistência na libertação de cativos capixabas entre os séculos XVIII e XIX, visto que em seu anexo funcionava a antiga “Casa de Leilões” onde membros livres da confraria realizavam rifas para arrecadação de dinheiro na promoção de alforrias de seus irmãos e irmãs escravizados (MACIEL, 2016, p. 28).

Essa antiga igreja, sede da antiga confraria de pretos de inspiração nas antigas estruturas dos reinos africanos e tombada pelo patrimônio histórico, carrega a importância do reduto de manutenção das práticas afro-diaspóricas e no culto às divindades *yorubanas* debaixo do guarda-chuva católico. Podemos constatar que aqui em Vitória, as confrarias católicas de pretos e pretas serviram para manter o culto *nagô*, o que vai ao encontro do quilombismo contra a ação colonial.

Não obstante, há muitos terreiros de candomblés em nosso estado e não podemos esquecer da liberdade de consciência, crença e de culto que prevê a Constituição Federal de 1988, onde muitos estudantes adeptos das religiões afro por receio de retaliações e provocações, silenciam-se. Por meio de reflexões acerca da criatividade, luta, coletivismo e resistência negro-capixaba é possível realizar uma nova leitura de sua presença em nosso estado. Vejamos a próxima ação.

Afro-ação 4 - Imagens Negro-africanas:

Um símbolo que perfaz o imaginário religioso capixaba é o que se encontra instalado na capital, Vitória. A criação do monumento ocorreu em 1988 em dedicação ao orixá *Yemonjá*, presente no panteão *Ketu*, que domina as águas salgadas! O objetivo do governo na época era o combate à intolerância religiosa na cidade de Vitória e hoje é palco de importantes celebrações do povo de terreiro, sobretudo no dia 2 de fevereiro.

Outro monumento que remonta às impressões negro-africanas é estátua do “Guerreiro *Zulu*” instalada em 2006. O monumento foi erguido em frente à Assembleia Legislativa do Espírito Santo em homenagem a contribuição negro-africana capixaba. A estrutura do monumento em forma de casaca, instrumento de percussão ícone representativo de uma importante manifestação cultural capixaba – o congo, cujas manifestações culturais remontam aos reinos africanos (MACIEL, 2016, p. 31).

Além da estátua de Chico Prego que mencionamos acima. Enfatizar em sala de aula os ícones, imagens negro-africanas ou pertencentes ao panteão *nagô*, valoriza e reconhece a contribuição dos povos afro-diaspóricos à formação da sociedade capixaba e possibilita aos estudantes negros e negras uma leitura decolonial e afrocentrada da história de seus ancestrais.

Os territórios urbanos de aquilombamento capixaba na Grande Vitória como os terreiros de candomblés, as escolas de samba ou as regiões de morro - comunidades capixabas são produtos do desterro e da *maafa* histórica e hoje, ressignificados consoante as aspirações sociais carregam os valores negro-ancestrais em solo capixaba (NJERI, 2019, p. 42).

Concordamos que uma educação antirracista, conforme defende uma expressiva corrente de autores afro-diaspóricos, parte do questionamento deste ensino hegemônico na inculcação de epistemologias ocidentais na escola, e na apresentação da perspectiva afrocêntrica cujos sistemas, estratégias e valores presentes nos territórios aquilombados proporcionam lucidez, criticidade e respeito aos estudantes nas aulas de História.

Uma educação antirracista e emancipadora parte de um ensino quilombista como condicionante dos valores civilizatórios negro-africanos (NJERI, 2019, p. 45). Por meio dos territórios aquilombados nas afro-ações sugeridas no texto percebemos a importância deste legado emancipador, palco de algumas das principais contribuições para a formação de uma identidade negro-capixaba em nosso estado.

Se outrora os objetivos dos sistemas educacionais no Brasil pautaram-se na perpetuação dos valores civilizatórios euro-ocidentais, faz-se necessário a criação combativa de alternativas para sulear as práticas pedagógicas na escola (ANI, 1994, p. 83). Os territórios de reminiscência e localização afro-capixaba foi nossa alternativa emancipadora para o Ensino de História e o enfrentamento do racismo nas escolas como prevê a Secretaria Estadual de Educação através da inserção da Educação das Relações Etnicorraciais (BRASIL, 2008, n.p.).

Considerações finais

Esperamos através das provocações de caráter decolonial e afrocentradas ao longo do texto, inspirações aos docentes que trabalham com a disciplina de História e desejam rever suas ações pedagógicas, pautadas muitas das vezes pelo viés colonial, ocidental e hegemônico. É necessário que os docentes em suas práticas pedagógicas tenham sensibilidade acerca do “Grande Desastre” que descarrilou a população afro-diaspórica pela *maafa*, mas que não circunscreve sua história, cultura, força e resistência.

Ao propormos a inserção de locais afro-capixabas como alternativa suleadora e afrocentrada para as aulas de História, provocamos uma reflexão docente, no sentido de apresentar aos estudantes afetados pelo estigma de afrodescendentes novas perspectivas do estudo da cultura, ancestralidade, história e criatividade afro-capixaba no fortalecimento combativo antirracista nas escolas.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANI, Marimba. *Yurugu: uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural europeu*. Trenton: África Word Press, 1994.

ALVES, Mírian Cristine; ALVES, Alcione Correa. **Epistemologias e metodologias negras, decoloniais e antirracistas**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2020.

ASANTE, Molefe Kete. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental**: Introdução a uma ideia. São Paulo: Ensaaios Filosóficos, 2016.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CARDOSO, Lavínia Coutinho. **Revolta negra na Freguesia de São José do Queimado**: escravidão, resistência e liberdade no século XIX na província do Espírito Santo (1845–1850). 2008. 107 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Nós, afrodescendentes**: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 31, p. 4-17, 2019.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a Educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 18, p. 62-73, 2012.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.